

O Meu Olhar como Disléxica Frente à Construção do Conhecimento no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas EAD da UECE

My View as a Dyslexic Front of the Construction of Knowledge in the Degree Course in Biological Sciences at UECE

ISSN 2177-8310
DOI: 10.18264/eadf.v12i2.1765

Francisca Hênia Cavalcante Peixoto^{1*}

Francesca Danielle Gurgel dos Santos¹

¹Universidade Estadual do Ceará- Polo UAB- Rua Gilardi Teixeira Bastos, 2412 - Antônio Duarte, Jaguaribe - Ce-Brasil.

* heniac.hc@gmail.com

Resumo

O número de alunos com dislexia no ensino superior tem aumentado muito, sendo necessário refletir como se dará essa trajetória acadêmica, considerando que um dos maiores desafios encontrados não é o ingresso ao ensino superior e sim, a permanência do aluno disléxico devido às dificuldades, conflitos e muitas fragilidades na aprendizagem, causando sua desistência. Diante disso, o presente artigo visa socializar as minhas experiências vivenciadas como aluna com dislexia frente a construção do conhecimento, no curso de Ciências Biológicas, na modalidade EAD da UECE, durante o período de 2018 a 2021. Adotou-se como procedimento metodológico uma pesquisa de natureza aplicada, descritiva de abordagem qualitativa, através de relatos autobiográficos das experiências vivenciadas através das atividades de ensino e aprendizagem, envolvendo levantamento de potencialidades e dificuldades. Os resultados apontam para os desafios, êxitos e superação em passar no vestibular, o aprimoramento das minhas habilidades de observação e comunicação, melhorando minha socialização com os colegas da turma; como estratégias de ensino adotadas pelos professores, o estímulo da leitura e escrita, fazendo com que viesse a descobrir novas vivências e aprendizados, e o uso de áudios para feedbacks das atividades pelo tutor; como estratégias de estudo, a utilização de programas de computadores que me auxiliaram na produção textual. Concluo que a busca pela superação cotidiana das minhas limitações enquanto disléxica foram determinantes na evolução acadêmica, favorecendo a construção significativa do conhecimento.

Palavras-chave: Dislexia. Ensino superior. Educação inclusiva. Formação de professores.



Recebido: 24/05/2022
Aceito: 13/09/2022
Publicado: 15/09/2022

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ABNT: PEIXOTO, F. H. C.; SANTOS, F. D. G. dos. O Meu Olhar como Disléxica Frente à Construção do Conhecimento no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas EAD da UECE. **EaD em Foco**, v. 12, n. 2, e1765, 2022. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v12i2.1765>

My View as a Dyslexic Front of the Construction of Knowledge in the Degree Course in Biological Sciences at UECE

Abstract

The number of students with dyslexia in higher education has increased a lot, and it is necessary to reflect on how this academic trajectory will take place, considering that one of the biggest challenges encountered is not admission to higher education, but the permanence of dyslexic students due to difficulties, conflicts and many weaknesses in learning, causing dropout. Therefore, this article aims to socialize my experiences as a student with dyslexia in the construction of knowledge, in the Biological Sciences course, in the EAD modality of UECE, during the period from 2018 to 2021. applied, descriptive nature of a qualitative approach, through autobiographical reports of the experiences lived through teaching and learning activities, involving a survey of potentialities and difficulties. The results point to the challenges, successes and overcoming in passing the entrance exam, the improvement of my observation and communication skills, improving my socialization with classmates; as teaching strategies adopted by teachers, the stimulus of reading and writing, causing them to discover new experiences and learning, and the use of audio for feedback of activities by the tutor; as study strategies, the use of computer programs that helped me in the textual production. I conclude that the search for the daily overcoming of my limitations as a dyslexic was decisive in the academic evolution, favoring the significant construction of knowledge.

Keywords: *Dyslexia. University education. Inclusive education. Teacher training.*

1. Introdução

Nos últimos anos, o número de alunos com necessidades especiais no ensino superior tem aumentado muito, sendo as dificuldades específicas de aprendizagem comunicadas com maior frequência. No entanto, o que era para ser considerado um avanço nos objetivos políticos educacionais, para alunos disléxicos, a sua entrada e permanência no ensino superior ainda são consideradas uma trajetória acadêmica repleta de dificuldades, conflitos e muitas fragilidades na aprendizagem (SOARES, 2018; MÜLLER; COSTA, 2017; PEREIRA et al., 2016).

A dislexia é conhecida como o distúrbio do neurodesenvolvimento que afeta a capacidade de leitura, escrita, e matemática, entre outras competências acadêmicas, uma disfunção no sistema nervoso central que é a parte responsável por processar e receber informações, causando dificuldades (INTERNATIONAL DYSLEXIA ASSOCIATION, 2019).

Um processo cognitivo que envolve a aprendizagem sendo caracterizada por uma insuficiência neurocognitiva que causa prejuízos no reconhecimento de letras, decodificação de palavras, apresentando um déficit fonológico causado pelas várias formas de linguagem, ou seja, onde afeta a sonoridade das palavras, tais dificuldades também podem ser observadas na parte visual por estar ligada a lesões no cérebro, afetando a imagem das palavras que acarreta uma desordem na decodificação de grafemas e fonemas (INTERNATIONAL DYSLEXIA ASSOCIATION, 2019).

A dislexia não é um tema novo, ela sempre esteve presente, contudo muitas vezes confundida, esquecida pelas universidades de Ensino Superior (SOARES, P.; SOARES, C., 2018). Porém, a maior parte dos estudos sobre a dislexia é voltada para crianças ainda nos primeiros anos escolares, deixando lacunas sobre o desenvolvimento desse distúrbio e seus efeitos na qualidade de vida acadêmica quando se tornam adultos, sobrelevando a necessidade de debates e discussões sobre o adulto com dislexia (MEDEIROS; AZONI; MELO, 2018).

Diante disso, observa-se a grande preocupação de como identificar o sujeito com dislexia, o seu grau de dificuldade e como fazer com que seus direitos sejam alcançados, revertendo essas dificuldades em benefícios voltados para esses indivíduos durante sua trajetória acadêmica. Ressalta-se ainda, que as dificuldades de aprendizagem não é um transtorno específico das crianças, podendo manifestar-se em qualquer etapa da vida e do percurso educativo (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014; XENÍCILA, 2019).

É plausível entender que a educação superior precisa ser revestida de métodos que abriguem bases inclusivas. Inserir universitários com necessidades especiais e problemas de aprendizagem é uma tarefa complexa que necessita da introdução e adoção de novos e adaptados métodos de ensino. Tais ajustes e adaptações devem abranger não só todos os educadores da instituição, como também os próprios alunos e até mesmo os responsáveis por estes estudantes. Os disléticos precisam ser tratados como iguais aos demais estudantes, respeitando suas próprias limitações. Esse respeito e valor conferido aos universitários culminará num melhor desenvolvimento de aprendizagem, elevando a autoestima através do reconhecimento de suas potencialidades (SANTOS; GUBERT; PEREIRA, 2020).

Inegavelmente, indivíduos com necessidades neurológicas têm diversas dificuldades, como: soletração e decodificação. Infelizmente, a escola não prepara o aluno com este transtorno para vida acadêmica, tão pouco para o cotidiano e, apesar de ter um bom nível de aprendizagem, diversas complicações aparecem, pois é constante a ideia de que não se encaixam no modelo tradicional de ensino, causando a desistência desse aluno e afastamento dessas pessoas do ensino, seja ele Fundamental, Médio ou Superior (SIGOR, 2015). Sendo assim, faz-se necessário refletir sobre algumas questões nas quais, a partir de minha história de vida, poderão iluminar docentes e discentes em suas trajetórias de ensino e de aprendizagem. São elas: Como se dá a construção do conhecimento por mim, como aluna com dislexia? Quais são as estratégias pedagógicas eficazes no processo de ensino e aprendizagem usada por mim, uma discente dislética? De que forma essas estratégias contribuem para o meu desenvolvimento acadêmico?

A partir desses questionamentos tenho como objetivo geral analisar as experiências vivenciadas por mim, enquanto universitária dislética, na construção do conhecimento, no curso de Ciências Biológicas na modalidade EAD da UECE, durante o período de 2018 a 2021, e como objetivos específicos: identificar, através das experiências vivenciadas no curso, os desafios que enfrentei na construção do conhecimento; descrever estratégias pedagógicas de ensino adotadas pelos professores do curso que foram eficazes, no processo de aprendizagem; e relacionar reflexivamente estratégias de estudo utilizadas e atividades propostas pelo curso que contribuíram para minha aprendizagem.

Faz-se necessário que no âmbito educacional estejam inseridas diversas estratégias, que proponham auxiliar os educadores na inclusão dos alunos com déficit de aprendizagem. Tendo em vista que, cada aluno tem diferentes necessidades, as estratégias devem considerar suas especificidades, sendo assim, se torna essencial buscar métodos que facilitem o aprendizado, respeitando as limitações de cada um, buscando meio que mostre a eficácia de incentivar a aprendizagem e o progresso acadêmico. Para os alunos que têm dislexia, ensiná-los a ler, como também a escrever, é uma forma de ajudar na compreensão de seus conflitos e na construção de suas opiniões. Por isso, é imprescindível desenvolver ações com ferramentas onde eles possam exercitar seu raciocínio e suas habilidades. Nesse sentido diversas estratégias podem ser utilizadas como facilitadoras para aprendizagem dos alunos com dislexia.

Quando se fala em estratégias, destaca-se o uso de textos com letras maiores, desenhos que repre-

sentem o conteúdo, imagens com textos curtos, caça-palavras, diagramas, jogos de memória, criação de rimas e cordéis, e pequenas poesias. Nessa perspectiva Medeiros e Azoni (2018) afirmam que quando um aluno passa a criar rimas, segmentação de palavras, designação de fonemas, jogos com discriminação de vogais e leituras, sons e músicas feitas de paródias com a ajuda do computador, conseguirá superar as dificuldades de leitura e escrita gradativamente. Em vista disso, evidenciou-se a necessidade de socializar as experiências vivenciadas durante meus anos na Graduação, no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas a distância da UECE enquanto universitária dislética, visando sensibilizar a comunidade acadêmica sobre o que é a dislexia, e os obstáculos enfrentados e superados com esse transtorno. Espera-se que a partir desta pesquisa, a comunidade acadêmica compreenda a necessidade de proporcionar estratégias pedagógicas diversificadas que incluam os alunos disléticos, para que assim possam superar situações voltadas para suas necessidades reais e educacionais, acarretando melhorias para o processo de formação de professores.

2. Referencial Teórico

A dislexia é um transtorno de aprendizagem que afeta a capacidade de ler, escrever, e matemática, entre outras competências acadêmicas, cujo distúrbio no neurodesenvolvimento do sistema nervoso central afeta a transmissão e compreensão de informações, provocando dificuldades na aprendizagem (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

De acordo com Massi e Santana (2011), a dislexia é uma perturbação na aprendizagem, que causa ao aluno um transtorno que provoca diversas consequências, como, por exemplo, prejuízo em habilidades acadêmicas essenciais para seu desenvolvimento, por afetar os indivíduos de formas diferentes, causando um comprometimento de suas atividades cotidianas, problemas emocionais e psicológicos que permanecem durante toda a vida.

A dislexia é composta por dois grupos: a do desenvolvimento, surgindo nos anos de alfabetização e permanecendo até os últimos anos de vida; e a adquirida por traumatismo cerebral, quando a pessoa perde sua competência de compreensão de informações escritas. Um transtorno que não afeta apenas a capacidade de leitura e escrita, mas também a coordenação motora, sentido espacial e temporal, podendo ser hereditária de origem neurobiológica, deixando denominado que o transtorno específico é aquele que compromete a leitura, conhecido como dislexia do desenvolvimento (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

A dislexia não tem cura, tornando ainda mais comum a evasão do ambiente escolar. O adolescente abandona a escola muitas vezes sem saber o seu diagnóstico, por apresentar problemas emocionais, falta de constância e baixo desempenho. Não é fácil descrever com detalhes as relações entre a dislexia na fase infantil e adulta, tendo em vista que as dificuldades permanecem por toda sua existência. Independente do período, a dislexia seguirá o indivíduo por toda vida, mas com o desenvolvimento de estratégias específicas, que muitas vezes são eles próprios que as desenvolvem para que possam amenizar suas dificuldades de aprendizagem, conseguem seguir sua carreira acadêmica (MEDEIROS; AZONI; MELO, 2016).

Para Moreira (2017) e Pereira (2018) existem três subáreas diferentes do lado esquerdo do cérebro: a inferior frontal, que realiza a pronúncia e processa os fonemas; a parietal temporal, que analisa as relações entre grafemas; e occipital temporal, que propicia o reconhecimento das palavras e a leitura espontânea, pois quando há problemas na ativação dessas regiões posteriores do cérebro o indivíduo passa a demonstrar um rendimento acadêmico abaixo do esperado. Por isso, é imprescindível desenvolver ações com ferramentas onde os disléticos possam exercitar seu raciocínio e suas habilidades.

Para tanto, diversas estratégias podem ser utilizadas como facilitadoras para aprendizagem dos alunos com dislexia. Quando se fala em estratégias, destaca-se o uso de textos com letras maiores, desenhos que representem o conteúdo, imagens com textos curtos, caça-palavras, diagramas, jogos de memória,

criação de rimas e cordéis, e pequenas poesias. Nessa perspectiva, Medeiros, Azoni e Melo (2018) afirmam que quando um aluno passa a criar rimas, segmentação de palavras, designação de fonemas, jogos com discriminação de vogais e leituras, sons e músicas feitas de paródias com a ajuda do computador, conseguirá superar as dificuldades de leitura e escrita gradativamente.

Para Gesú e Gimenez (2020), um instrumento significativo que se tornou aliado no campo educacional são os ambientes virtuais de aprendizagem que, associados às ferramentas de tecnologias assistivas, promovem a independência do aluno com dislexia. As tecnologias de informação e comunicação têm um número cada vez maior, promovendo possibilidades de democratização e de interação que estimula o cognitivo do discente disléxico e dá qualidade às práticas de ensino para que sejam inclusivas.

Os alunos com dislexia não conseguem manter o interesse em estratégias mecanizadas, como leituras repetitivas e longas, por conta disso ficam resistentes a fazer atividades nesse contexto. Por isso, a adoção de jogos com foco no desenvolvimento de aprendizagens contribui para a plasticidade cerebral, resultando em evolução cognitiva-sensorial. O jogo associado ao processo pedagógico propicia o aluno a condição de sair da posição de receptor/passivo para conector/protagonista, assim o lúdico passa a favorecer o desenvolvimento da inteligência (GRILLO; PRODOCIMO, 2016). Silva e Capellini (2015) citam algumas tarefas que têm o intuito de promover um trabalho de inclusão sendo estas: promover o trabalho colaborativo entre a escola e o docente; mudanças nos currículos escolares para atividades mais dinâmicas, interatividade com profissionais da área para trabalharem a inclusão desses alunos no contexto escolar e social, propiciar momentos de discussão entre os docentes e estudantes disléxicos, com o intuito de incentivar a construção de novas práticas pedagógicas.

3. Metodologia

A pesquisa traz uma narrativa autobiográfica sobre minhas experiências enquanto graduanda do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, modalidade a distância (EAD), a partir do resgate e análise de memórias.

Para tanto, foi adotada a pesquisa classificada quanto aos objetivos como descritiva. Conforme Pedroso, Silva e Santos (2017), as pesquisas descritivas têm como principal propósito favorecer características individuais, populacionais, situacionais ou fenomenológicas, atendendo assim ao delineamento dos objetivos da investigação. Ainda de acordo com os autores acima citados, nesse tipo de pesquisa, o pesquisador passa a fornecer informações que auxiliam na tentativa de resolução quando as hipóteses são formuladas, mostrando a realidade do objeto estudado, sua procedência e até novos percursos a serem seguidos com as análises. Nesse sentido, o percurso deste trabalho foi desenvolvido em duas etapas, a saber:

- 1ª etapa - foi feito um levantamento de artigos científicos publicados em sites de base de dados como *Scielo*, *Google Acadêmico* e Portal de Periódicos da Capes, com a finalidade de construir um arcabouço teórico para embasamento do tema e suas discussões. As principais palavras-chave utilizadas nas buscas pelo acervo eletrônico foram: conceitos de dislexia; sintomas de dislexia; causas de dislexia; estratégias pedagógicas para disléxicos no ensino superior e na fase adulta;
- 2ª etapa - envolveu a descrição reflexiva da minha trajetória como estudante disléxica na Graduação, no Ensino Superior. Dessa forma, a pesquisa se deu, com a finalidade de que, a partir deste relato, seja possível a compreensão ampla sobre as diferentes formas de aprendizagem de alunos com dificuldades, bem como o conhecimento de estratégias pedagógicas adequadas para alunos com dislexia, visando contribuir para o desenvolvimento de alunos com esse transtorno.

Por fim, vale ressaltar que, para cada objetivo específico, foram adotados os seguintes procedimentos de coleta e análise de dados:

- Objetivo específico 1 - Identificar os desafios enfrentados durante a minha formação no curso de licenciatura em Ciências Biológicas. Foi feito um levantamento das dificuldades de aprendizagem, a partir do registro em diário de campo, com resgate reflexivo das minhas memórias, na construção do conhecimento através das atividades propostas pelo curso, como se dava minha participação nas aulas e nos projetos propostos, durante o percurso no ensino superior;
- Objetivo específico 2 - Descrever estratégias pedagógicas de ensino adotadas pelos professores do curso que foram eficazes em meu processo de aprendizagem. Oportunamente foram apresentadas as estratégias e atividades propostas pelo curso, presentes no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) na plataforma Moodle da UECE, que auxiliaram no desenvolvimento das competências/habilidades a partir do resgate das minhas memórias e reflexões, como também se evidenciou as atividades práticas dos conteúdos de Biologia, que potencializaram o processo de ensino e aprendizagem. Tais informações foram organizadas e consolidadas em Excel (2016), facilitando análise qualitativa;
- Objetivo específico 3 - Relacionar reflexivamente ferramentas de estudo utilizadas por mim e atividades propostas pelo curso, que contribuíram com meu aprendizado. Foi realizada descrição reflexiva das experiências vivenciadas registradas em diário de campo, evidenciando-se as ferramentas que utilizei, que considero eficientes, pois promoveram aprendizagem dos conteúdos previstos no currículo do curso, que foram essenciais para o meu desenvolvimento cognitivo.

4. Resultados e Discussão

Para os alunos que têm dislexia, ensiná-los a ler, como também a escrever é uma forma de ajudar na compreensão de seus conflitos e na construção de suas opiniões. Por isso, é imprescindível desenvolver ações com ferramentas facilitadoras diversas onde eles possam exercitar seu raciocínio e suas habilidades. De acordo com Gardner (1999),

Quando reparamos nos nossos alunos. Talvez haja algum que goste muito de desenhar e pintar, produzindo excelentes desenhos, ilustrações ou mesmo charges; já um outro tem grande interesse pela música e sabe tocar muito bem um instrumento. (GARDNER, 1999, p. 10)

Outros podem se mostrar mais ligados ao esporte - sem muito esforço, realizam séries complexas de movimentos corporais. Mas há também aqueles que desenvolvem de forma prazerosa raciocínios matemáticos precisos. Refletindo a respeito dessa observação, você verá que as diferenças vão longe! Alguns amam escrever e vivem produzindo pequenos poemas e inventando histórias. E há os líderes, que naturalmente se colocam como modelo para a classe, de modo positivo. Uns poucos podem demonstrar interesse em metas extremamente pessoais: autocohecimento, um bom controle das emoções. Há aqueles que têm uma boa percepção do ambiente, são bons em localizar coisas, em descrever trajetos, analisar espaços. Entre os alunos descritos, qual seria o mais inteligente? É impossível responder a essa questão. Cada um dos exemplos mencionados corresponde a atitudes que sugerem diferentes tipos de inteligência. Talvez hoje essas considerações não nos pareçam tão estranhas. (GARDNER, 1999, p. 15)

Nesse sentido é possível observar que cada indivíduo possui uma inteligência única, com possibilidades diferenciadas de aprendizagens, assim cada ser tem seu jeito próprio de construir o conhecimento.

Com os disléticos não é diferente, necessitando-se o uso de estratégias diversificadas que se adéquem às necessidades individualizadas do estudante para o seu desenvolvimento cognitivo, melhorando naturalmente o seu desempenho acadêmico.

4.1. Desafios enfrentados para construção do conhecimento

O meu ingresso na Universidade se deu através de vestibular. O mais complicado foi o número de questões objetivas e a extensão das mesmas, que precisavam ser resolvidas para o tempo definido considerando as minhas limitações devido à dislexia, pois tenho problemas com decodificação das palavras durante a leitura, e demoro muito tempo para compreender tais questionamentos, e a baixa concentração me deixava confusa. Contudo obtive êxito e superação no primeiro desafio que foi passar no vestibular, apesar das minhas dificuldades com a leitura e compreensão textual.

Quando as aulas tiveram início, as minhas expectativas eram que eu não conseguiria concluir a Graduação. Os êxitos e fracassos presentes na minha trajetória de vida escolar atormentavam-me e tinha receio que minhas limitações resultassem em fracasso no ensino superior, pois a universidade não é muito diferente da educação básica, se considerarmos as questões relacionadas ao ensino e à aprendizagem de uma estudante dislética. Entretanto, cada vez que participava das aulas, os encontros presenciais se tornavam cada vez mais proveitosos, contando com a colaboração, apoio e motivação dos colegas de turma, no meu processo de ensino e aprendizagem, determinantes para continuar meu percurso no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Segundo Taborda e Silva (2021), são características peculiares do dislético a falta de habilidades de leitura e escrita com fluência. Para que uma criança e/ou adulto seja identificada com dislexia é necessário que haja as seguintes manifestações, a saber: esforço em excesso na leitura de palavras, tentativas em adivinhar palavras, leitura de palavras de forma errônea com alteração na voz ou hesitante; falta de compreensão ao fazer leituras apesar de realizá-las com eficiência; falta de concentração e raciocínio lógico, ou seja, dificuldades em resoluções de problemas; dificuldades na organização do tempo, datas e espaços (antes ou depois), definição de direções (esquerda, direita, frente e trás) e conceitos apresentados a longo prazo, mesmo com a ajuda dos familiares e da escola; baixo desempenho acadêmico, sendo considerado inferior aos outros colegas da mesma idade e série. Destaca-se que mesmo recebendo orientações dos professores/tutores durante as aulas, em seus respectivos feedbacks das correções de atividades (Quadro 1), enfrentei o desafio constante na escrita, evidenciando-se a presença de erros ortográficos nas atividades realizadas durante o curso, que exigiam produção textual.

Quando as devolutivas do tutor *online* chegavam a respeito das atividades realizadas, indicava-se que eu tinha pouca compreensão do que se pedia nas atividades que eram disponibilizadas no ambiente virtual (Quadro 1). No intuito de sanar essa limitação, constantemente solicitei a contribuição dos meus colegas, tutores e familiares, além de adotar recursos tecnológicos para criar minhas próprias técnicas para melhorar meu desenvolvimento, observando o meu rendimento a cada feedback diante dos retornos enviados pelos tutores das atividades, organizando meu tempo de estudo, desenvolvendo minha concentração, solicitando aos tutores também feedback em áudio para que na atividade seguinte eu pudesse não cometer o mesmo erro.

Quadro 1: Feedback do avaliador com critérios de pontuação da atividade Síntese do Biologando da disciplina de Biologia Evolutiva

Introdução à Biologia Evolutiva - Síntese do Biologando			
Parte 1: Discussão ampla	Parte 2: Discussão aplicada	Parte 3.1: Conteúdo da síntese	Parte 3.2: Formatação da síntese
O aluno postou artigo(s) ou vídeo(s), contextualizou a postagem, mas participou criticamente ou trouxe todas as informações corretas sobre a proposta solicitada para a discussão, porém foram identificados alguns erros de gramática e/ou ortografia, mas que não dificultaram a compreensão nas discussões. Pontuação: 25	O aluno postou artigo(s) ou vídeo(s), contextualizou a postagem, participou criticamente ou trouxe todas as informações corretas sobre a proposta solicitada para a discussão, porém foram identificados alguns erros de gramática e/ou ortografia, mas que não dificultaram a compreensão nas discussões. Pontuação: 25	O aluno apresentou a síntese de pelo menos uma das partes, discutiu uma das postagens feitas pelos colegas, porém foram identificados alguns erros de gramática e/ou ortografia que dificultaram a compreensão da síntese. Pontuação: 27	O aluno respeitou a formatação solicitada no comando da atividade (capa, parágrafo, espaçamento, fonte e tamanho da fonte). Pontuação: 7

1º- Comentário do Feedback do avaliador

Olá, [...] Tudo bem?

Sua Nota do Biologando da Disciplina de Biologia Evolutiva atendeu aos critérios acima descritos. É fundamental que sempre atentemos aos critérios estabelecidos na Diretriz de Elaboração e Correção da Atividade para que fique bem claro aquilo que é esperado de vocês em cada uma das atividades.

Ok?

Abraço fraterno e conte conosco.

Fonte: Quadro adaptado do AVA MOODLE - UECE (2020).

A síntese do “Biologando” é uma avaliação onde o discente destaca os assuntos abordados no fórum de discussão, apresentando o tema central, cita as postagens dos colegas, a opinião crítica da sua escolha, comentando e justificando sua escolha, além da produção de um resumo de uma lauda digitado com envio do arquivo em PDF. No relato apresentado no Quadro 1, observa-se que não é fácil descrever com detalhes as relações entre a dislexia na fase infantil e adulta, tendo em vista que as dificuldades permanecem por toda sua existência. Independente do período, a dislexia seguirá o indivíduo por toda vida, mas com o desenvolvimento de estratégias específicas, que muitas vezes são eles próprios que as desenvolvem para que possam amenizar suas dificuldades, conseguem seguir sua carreira acadêmica (MEDEIROS; AZONI; MELO, 2018).

Em face do exposto acima nota-se que a Educação a Distância foi uma experiência nova, proporcionando a vivência de me organizar sem cobranças, e o cenário de inovações tecnológicas fez com que eu pudesse focar em minhas ações e ganhasse meu destaque, que vieram quando consegui entrar no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), cuja participação foi uma experiência única, que viabilizou o desenvolvimento de estratégias pedagógicas para a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O Pibid foi um marco impressionante na minha vida universitária, pois foi perceptível que as estratégias desenvolvidas para o EJA também me ajudaram a estudar. Dentre estas estratégias destaco: o jogo do Kahoot, tabuleiro e quizzes, que foram criados para atividades que exploravam conteúdos de Biologia, contribuindo para aprendizagem das temáticas, pois as perguntas e as cores me faziam correlacionar as respostas aos conteúdos; as maquetes produzidas, utilizadas em diversos momentos nas disciplinas Biologia Celular e Virologia, facilitavam a aprendizagem da identificação de parte do organismo e suas

funções, cuja aproximação com a realidade construída me permitiu a compreensão dos conceitos abordados nos conteúdos em diferentes níveis; os vídeos criados colaboraram para o meu desenvolvimento cognitivo, compreensão da temática explorada e criatividade, propiciando a aprendizagem significativa; as palestras realizadas facilitaram o meu desenvolvimento quanto à fala e escuta, além de sensibilizar os demais estudantes para as diversas formas possíveis de se aprender.

Diante disso observa-se que cada sujeito tem um modo de superar suas dificuldades, cada ser tem sua própria maneira de manejar sua situação, e isso está relacionado a como cada um considera suas experiências (PINEAU, 1983). E mesmo sendo visíveis as limitações referentes às pessoas com dislexia, apesar de diversos problemas, adultos disléticos têm potencial para concluir o ensino superior. Vale salientar que, cada indivíduo possui uma inteligência única, o que não quer dizer que não se pode aprender; apenas cada ser tem seu jeito próprio de construir o conhecimento, como forma de adaptação para vencer as adversidades como as que constantemente aparecem, em toda fase de nossa vida, mas fica ainda mais árduo no ensino superior.

A permanência do aluno com dislexia no ensino superior é mais dificultosa, tornando-se uma luta diária contra o preconceito e o descaso, pois esses estudantes se tornam um desafio para a sociedade acadêmica. Assim, por mais que existam políticas públicas que visam incluir os disléticos, muitas vezes os suportes necessários que deveriam ser disponibilizados não contemplam os estudantes com esse transtorno. Por conta disso, muitos alunos desistem, pois além de não encontrarem o apoio/auxílio ou adaptações necessárias, eles dificilmente atingem os requisitos para aprovação, devido às suas limitações resultantes da dislexia (RODRIGUES, 2018; FREITAS; COSTAS, 2020).

Segundo a International Dyslexia Association (2019), Rodrigues e Ciasca (2016) e o Instituto ABCD (2015) observa-se um crescimento do número de alunos na graduação com dificuldades de aprendizagem, e destes, apenas alguns conseguem concluir o ensino superior. Diversos alunos abandonam o curso por não conseguirem cumprir as determinações exigidas pela universidade, pela falta de recursos e suporte que possam oferecer uma aprendizagem com qualidade para esses alunos. Os autores acima consideram fundamental que as universidades façam uso de ferramentas, estratégias e realizar adequações no ensino para favorecer a permanência de estudantes com dislexia no ensino superior, para assim contribuir com a construção do conhecimento, proporcionando aprendizagem, cujo resultado será a tão sonhada conclusão da Graduação, em condição de igualdade com os demais estudantes da universidade. Conclui-se dessa forma, que com a participação multidisciplinar dos professores e tutor presencial no decorrer do curso de licenciatura passei a aprimorar minhas habilidades de observação e comunicação, melhorando minha socialização com os colegas da turma, estimulando a leitura e escrita, fazendo com que viesse a descobrir novas vivências e aprendizados, cuja evolução ocorreu gradativamente.

4.2. Estratégias pedagógicas de ensino adotadas pelos professores do curso que foram eficazes

No âmbito educacional, estão inseridas diversas estratégias pedagógicas que propõem auxiliar os educadores na inclusão dos alunos com déficit de aprendizagem. Tendo em vista que cada aluno tem diferentes necessidades, as estratégias adotadas devem considerar suas especificidades, sendo assim, se torna essencial buscar estratégias que facilitem o aprendizado e o progresso acadêmico, respeitando as limitações de cada um.

De acordo com Junckes et al. (2015) é preciso fazer uma análise para identificar qual nível de aprendizagem o aluno dislético se encontra. A partir da avaliação diagnóstica o professor poderá nortear seu planejamento, definindo as estratégias pedagógicas e atividades adequadas à situação do aluno dislético e, assim, contribuir com o seu desenvolvimento cognitivo e desempenho acadêmico.

Em determinadas situações as atividades propostas pelos professores, no ambiente virtual, por ser um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, são voltadas para nomenclaturas, morfologias e taxonomias, e isso me acarretou diversas dificuldades de compreensão e aprendizagem por causa dos termos, das palavras ou expressões, mesmo lendo diversas vezes não compreendia o que lia, e para obter êxito na realização das atividades propostas necessitava da compreensão do conteúdo explorado.

Uma das estratégias utilizadas pelos professores e tutores do curso era o envio de áudios com feedbacks das atividades, para que assim eu pudesse realizá-las e desenvolver minhas habilidades. E por diversas vezes os tutores enviavam áudios das atividades e assim, percebi que poderia superar minhas limitações, mostrando o significado de minhas produções acadêmicas e me constituindo como sujeito de minhas próprias aprendizagens.

A leitura e escrita são indispensáveis para a construção de novos conhecimentos por meio da compreensão e produção textual, essas habilidades oferecem condições imprescindíveis para que o aluno se sinta inserido no contexto escolar. Portanto, se faz necessário que o professor adote estas estratégias na exploração dos conteúdos, visando o desenvolvimento progressivo dessas habilidades (TARBORDA; SILVA, 2021; MOUSINHO; ALVES; CAPELLINNI, 2015).

Como estratégias de aprendizagem para o desenvolvimento da minha escrita acadêmica, os professores passaram a estimular minha participação nas semanas universitárias, e eventos da universidade, e com o auxílio deles, no acompanhamento da produção dos trabalhos acadêmicos, eu desenvolvi habilidades de escrita, como também melhorei aptidões na comunicação oral através da apresentação dos trabalhos. Tais atividades possibilitaram amenizar as minhas fragilidades, favorecendo um jeito de aprender individualizado e diverso.

Os autores Arruda e Almeida (2014) esclarecem que as estratégias são propostas pedagógicas que devem propiciar a inclusão gradual dos estudantes de forma interativa. O professor, responsável por essa inclusão deve buscar ações metodológicas/pedagógicas que objetivem alcançar aprendizagens cooperativas. Com intuito de promover a inclusão, uma estratégia usada pelo curso foi a minha entrada no projeto de monitoria da disciplina de Biologia Celular, sendo uma das atribuições a escrita de trabalhos científicos para a socialização das experiências vivenciadas na monitoria em comunicação oral. A participação nos encontros contribuiu para o desenvolvimento do meu cognitivo e, dentre as produções acadêmicas abordei temas como a estratégia pedagógica de aulas expositivas, estudo desenvolvido através dos conteúdos estudados na Graduação, cuja apresentação foi na modalidade comunicação oral (Figura 1).

Figura 1: Apresentação em comunicação oral de trabalho acadêmico



Fonte: Elaborado pelas autoras. Imagem feita por dispositivo móvel (2021).

Rodrigues e Cisca (2016) e Moojen, Bassôa e Gonçalves (2016) recomendam a aplicação de algumas intervenções pedagógicas, a saber: encorajar o aluno para escrever; dispor de leituras que despertem o interesse do aluno; desenvolver atividades de forma lúdica e descontraída, como o uso do jogo, com isso o aluno pode desenvolver a memorização visual e fonética; promover atividades mais curtas, pois os disléticos tendem a cansar mais rápido; e, propor materiais didáticos mais dinâmicos.

A Figura 1 representa a primeira apresentação em comunicação oral na Semana Universitária da UECE do ano de 2019, cujo trabalho tratava do uso pedagógico de modelo didático. Ao analisar a imagem acima, é perceptível que eu utilizo diversos recursos de informação, como os softwares, que se destacam para criação de textos como os corretores ortográficos, os criadores de slides, jogos eletrônicos como *Kahoot*, *Word Wall* e *Stopots*, jogos físicos de tabuleiro e cartas, mapas mentais criado no *Cmaptools* e *Mindmeister*, e aplicativos de informação, como *Google Meet* e *WhatsApp*, esses se destacam como estratégias aplicadas a mim, onde com a colaboração dos professores construímos meu próprio minicurso, além de auxiliar outros professores na execução de minicursos voltados para Biologia, possibilitando contribuir com o aprendizado de outros docentes.

Desta maneira percebe-se que para a eficácia dessas estratégias interventivas é preciso o engajamento de toda instituição de ensino, envolvendo os professores, coordenação e direção. Inicialmente, é essencial a qualificação com intuito de que o currículo corresponda às exigências não só de enfrentar os desafios com os alunos com transtorno de aprendizagem, mas toda forma de inclusão.

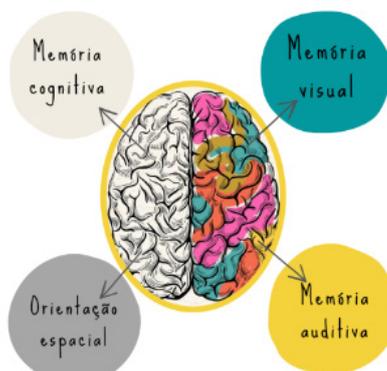
Em vista das diversas estratégias expostas acima é imprescindível que haja uma flexibilidade nas estratégias pedagógicas adotadas, com foco nas necessidades dos alunos disléxicos. Inegavelmente, sempre haverá uma nova mudança de estratégia pedagógica com intuito de estimular esses alunos no percurso de construção de seus conhecimentos.

4.3. Ferramentas eficazes para aprendizagem de disléxicos que contribuíram para minha aprendizagem

Em cada indivíduo, as modalidades de atividades que envolvem leituras desenvolvem o cognitivo sensorial registrando as informações, porém os alunos com dislexia têm uma percepção que afeta seu campo visual, e por isso muitas vezes ao lerem não conseguem entender. Rodrigues (2018) cita algumas atividades que possibilita o desenvolvimento da orientação espacial, memória visual para leitura e escrita, e fonológicos, para percepção da memória auditiva, apresentadas na Figura 2, a saber: atividades com formas semelhantes ou letras; trabalhar formas de fazer correspondências com conjuntos de letras, esquemas e jogos de identificação; exercícios de aprendizagem contínua; exercícios de lembrar desenhos; escutar e aprender rimas, provérbios, canções, melodias e paródias.

A Figura 2 é uma imagem reproduzida de meu exame neurológico, sendo possível ver as partes do cérebro afetadas pela dislexia. As áreas posteriores coloridas em azul, chamadas de memória visual; as cores em rosa são chamadas de lóbulo frontal; em amarelo, as partes do lóbulo temporal, que conecta a memória auditiva; no cinza claro está a memória cognitiva; em cinza escuro, a orientação espacial.

Figura 2: Representação das partes do cérebro atingidas pela dislexia



Fonte: Elaborado pelos autores, na ferramenta online Canva (2021).

É possível perceber, que durante meu tempo de permanência tive a oportunidade de produzir diversas atividades associadas aos conteúdos do curso de Ciências Biológicas, e utilizar ferramentas tecnológicas, que foram essenciais para meu desenvolvimento.

Ao utilizar essas ferramentas tecnológicas como atividade, para propiciar o desenvolvimento de aprendizagens, o professor estará incentivando os alunos com dislexia a organização mental e espacial, melhorando a leitura, através da separação/organização em caixas, que dá uma visualização do todo. Os mapas mentais servem como auxílio na busca pela compreensão dos conceitos linguísticos associadas às tecnologias da informação e softwares. Em suma, os mapas mentais são facilitadores metodológicos de aprendizagem (CESARINO; MOSER, 2015).

As tecnologias também me auxiliaram não apenas nesse tipo de atividade, os programas de computadores me deram auxílio em produções de texto, fichamentos, cordéis, relatórios, planos de aula, que foram efetuadas nas disciplinas de Biologia Celular, Bioquímica, Fundamentos da Filosofia, Psicologia do Desenvolvimento, Metodologia da Pesquisa e Fisiologia Vegetal, através dessas atividades melhorei minha gramática e ortografia com a ajuda das ferramentas de correção de texto, favorecendo o desenvolvimento contínuo na leitura, além de estimular minha memória visual e meu cognitivo.

Os programas de computadores como corretores ortográficos, e programas que promovem a leitura em voz, voltados para o estudo de estudantes, atualmente são os mais utilizados pelos alunos com dislexia, o uso dessas ferramentas promove o acesso aos estudos virtuais, amenizando as dificuldades recorrentes da dislexia e ativando a coordenação motora (CAMPOS, 2008).

Com o aperfeiçoamento imaginativo nas matérias de Biofísica, Genética, Zoologia dos Cordados, Parasitologia, Morfologia e Taxonomia das Espermatófitas, consegui elaborar jogos, maquetes, aulas de campo e práticas de laboratório. Uma estratégia que se mostrou eficaz foi o uso das tecnologias de informação de forma transversal às disciplinas, em que a proposta é trabalhar com o estudante que possui esse déficit, cooperando no processo de inovação, que tem como objetivo romper as barreiras das dificuldades apresentadas associadas ao ensino-aprendizagem. As atividades quando estimulam as diferentes vias do cérebro em simultâneo ficam interligadas melhorando a aprendizagem, estruturando e organizando os conteúdos para uma aprendizagem sequencial focada no desenvolvimento fonológico e linguístico, acarretando uma progressão dos elementos fáceis para os difíceis por meio de um ensino contextualizado, que promova aprendizagem.

A criação de mapas conceituais, nos conteúdos de Anatomia e Fisiologia Humana, Zoologia dos invertebrados e Fisiologia Animal Comparada, favoreceu o meu desenvolvimento cognitivo com vasto conhecimento sobre os conceitos dessas matérias, organização hierárquica, temporalidades, direcionamento, relações semânticas e associações.

De acordo com Gardner (1999), o conceito de inteligência reflete a capacidade do indivíduo de compreender informações, e fazer uso destas para resolução de problemas ou criação de produtos com relevância cultural. Ressalta a diversidade de inteligências, cujo desenvolvimento facilita a capacidade de adaptação em determinado meio do qual o sujeito faz parte, tais inteligências abrangem: o lógico-matemático, linguística, naturalista, interpessoal, espacial, corporal-cinestésico, musical e existencialista. Para os pesquisadores em geral, as provas que medem o QI servem apenas para fazer com que o indivíduo meça sua aptidão de responder aos quesitos apresentados, e não a sua inteligência. No mundo atual, a nova tendência é que a pessoa seja capaz de resolver problemas cotidianos, sejam eles relacionados às questões sociais, econômicas, ambientais ou políticas.

4. Conclusão

De acordo com o objetivo da pesquisa, o presente estudo apresentou o resultado da minha jornada acadêmica, no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, na modalidade a distância, como aluna dislética durante os anos 2018 a 2021.

Com os relatos aqui apresentados é possível observar que a Educação à Distância em conjunto com as tecnologias e ferramentas de informações associadas às estratégias desenvolvidas pela própria discente e sua interação com os docentes do curso promoveu construção do conhecimento de forma coletiva e adaptada, atendendo às limitações e necessidades, com respeito e igualdade, imprescindíveis para que assim haja avanços na educação, sobretudo demonstrar que é possível terminar a graduação e seguir a carreira acadêmica.

Sendo assim, a reflexão por meio de uma narrativa autobiográfica sobre a minha trajetória em busca do conhecimento através da formação docente tem o intuito de contribuir para sensibilização e reestruturação do processo de ensino e aprendizagem de alunos com dislexia, tornando possível para mim e todos da comunidade acadêmica a prática de novos saberes. Levando ao reconhecimento, realização pessoal e profissional de alunos com dislexia, revelando que aprender é um direito de todos.

Biodados dos autores



PEIXOTO¹, F. H. C. É GRADUADA PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ NO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS. UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ- POLO UAB- RUA GILARDI TEIXEIRA BASTOS, 2412 - ANTÔNIO DUARTE, JAGUARIBE - CE- BRASIL.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0234-9869>

CONTATO: +55 88 98115 2711

E-MAIL: heniac.hc@gmail.com



SANTOS, F. D. G. DOS É DOUTORA E MESTRE EM EDUCAÇÃO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC), LINHA DE PESQUISA AVALIAÇÃO EDUCACIONAL NO EIXO AVALIAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM; ESPECIALISTA EM GESTÃO E AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA PELO CENTRO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO (CAED)/ UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF); ESPECIALISTA EM GESTÃO ESCOLAR PELA UNIVERSIDADE DE SANTA CATARINA (UDESC) E UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE); ESPECIALISTA EM EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E ÉTICA NA HUMANIZAÇÃO DO MEIO AMBIENTE PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (FAFIDAM/ UECE); GRADUADA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS PELA UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI (URCA) E PEDAGOGIA PELA UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ. PROFESSORA DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UECE/ FAFIDAM E PROFESSORA COLABORADORA DO MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA (PROFBIO). COORDENADORA DO SUBPROJETO DE BIOLOGIA DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA, NA FAFIDAM/UECE. LINHAS DE PESQUISA COM INTERESSE: avaliação educacional; formação de professores; estágio supervisionado; ensino e aprendizagem em Ciências e Biologia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1656-0865>

E-MAIL: dani.gurgel@uece.br

Referências

ABD - Associação Brasileira De Dislexia. Dislexia no Brasil: Consórcio ABD-USP. 2016. Disponível em: <https://www.dislexia.org.br/dislexia-no-brasil-consorcio-abd-usp/> - Acesso em 21 de maio de 2021.

- American Psychiatric Association (2014). **DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed. Disponível em: <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/> - Acesso em: 18 de maio de 2021.
- ARRUDA, M. A.; ALMEIDA, M. de. **Comunidade Aprender Criança - Cartilha de Inclusão Escolar: inclusão baseada em evidências científicas**, Ed. Instituto Glia, 2014. Disponível em: <https://www.andislexia.org.br/cartilha.pdf> - Acesso em: 16 de junho de 2021.
- CÁRCERES, P. C. P.; COVRE, P. Impacto do diagnóstico precoce e tardio da dislexia - compreendendo esse transtorno. **Rev. Psicopedagogia**, São Paulo, v. 35, n. 108, p. 296-305, dez. 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862018000300005&lng=pt&nrm=iso - Acesso em: 20 abr. 2021.
- CAMPOS, V. L. de. **Informática na Educação auxiliando crianças com Dislexia**. 2008. Disponível em <http://www.crda.com.br> - Acesso em: 20 de abril de 2021.
- CESARINO, M.; MOSER, D. A. **A dislexia e a construção de mapas conceituais: uma estratégia para o ensino de língua portuguesa**. Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, v. 7, n. 4, 12 fev. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article/view/81516> - Acesso em: 27 de maio de 2019.
- ESTILL, C. A.; PAVÃO, V. **Transtornos de Aprendizagem - A formação e intervenção do professor**. In: **Guia de boas práticas: do diagnóstico à intervenção de pessoas com transtornos específicos de aprendizagem**. Org. NAVAS; Ana Luiza et al. São Paulo: Instituto ABCD, (org) 2017. (pp. 22-25). Disponível: <https://www.institutoabcd.org.br/guia-de-boas-praticas/> - Acesso em: 20 de maio de 2021.
- FREITAS, C. do N. de; COSTAS, F. A. T. **Dislexia, docência e êxito acadêmico/profissional: um estudo de caso**. **Rev. Psicopedagógica**, São Paulo, v. 37, n. 112, p. 110-120, abr. 2020.
- GARDNER, H. **Múltiplas Inteligências na Prática Escolar**. 1. ed. Brasília, DF: Secretaria de Educação a Distância/MEC, 1999. p. 3-80.
- GESÚ, V. S. Di.; GIMENEZ, R. **Desafios da In(ex)clusão no Espaço da Educação Superior à Distância no Brasil**. **EaD em Foco**, v. 10, n. 2, 17 nov. 2020. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/1121/593> - Acesso em: 27 de maio de 2021.
- GRILLO, R. de M.; PRODÓCIMO, E. **Resenha**. **Educar em Revista**, n. 59, Curitiba, Jan-mar de 2016. Resenha do livro **Jogo e Educação** de VIAL, Jean. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602016000100299 - Acesso em: 27 de maio de 2021.
- Instituto ABCD. **Todos Entendem: conversando com os pais sobre como lidar com a Dislexia e outros Transtornos Específicos de Aprendizagem**; 2015 [s.l.] <https://www.institutoabcd.org.br/todos-entendem/> - Acesso em 20 de maio de 2021.
- International Dyslexia Association. **IDA: Dyslexia handbook what every Family should know**, 2019 [s.l.]. Disponível em: <https://app.box.com/s/8ucxzz2u5wq2wezqoaqgrltn532z97bz> - Acesso em: 20 de maio de 2021.
- JOSSO, M.C. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- JUNCKES, R. C. et al. **Dislexia: distúrbios de aprendizagem detectados no processo de Alfabetização e letramento do PIBID**. v. 7, n. 2, p. 49, 2015. ISSN:2175-2532.
- MARQUES, D. de A. **O jogo no desenvolvimento da criança disléxica**. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Educação João de Deus Mestrado em Ciências da Educação na Especialização em

- Educação Especial - Domínio Cognitivo e Motor [online]. Lisboa – Portugal, 2014. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/6190/1/Daniela%20Marques.pdf> - Acesso em: 24 de maio de 2021.
- MASSI, G.; SANTANA, A. P. de O. A desconstrução do conceito de dislexia: conflito entre verdades. **Pai-déia (Ribeirão Preto)** [online]. 2011, v. 21, n. 50, p. 403-411. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000300013> - Acesso em: 17 de junho de 2019.
- MEDEIROS, E. C. de M. R.; AZONI, C. A. S.; MELO, F. R. L. V. De. **Dislexia: saberes e práticas educativas necessárias à inclusão do estudante universitário**. In: Seminário nacional sobre educação e inclusão social de pessoas com necessidades educacionais especiais, v. 7., 2016; Anais... Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Acesso: 21 de maio de 2021.
- MEDEIROS, E. C. de M. R. **Discentes com dislexia na Universidade: um estudo de caso**. 2017. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.
- MEDEIROS, E. C. de M. R.; AZONI, C. A. S.; MELO, F. R. L. V. Estudantes com dislexia no ensino superior e a atuação do núcleo de acessibilidade da UFRN. **Rev. Inclusão Social**, v. 11, n. 1, 2 mar. 2018.
- MOOJEN, S. M. P.; BASSÔA, A.; GONÇALVES, H. A. Características da dislexia de desenvolvimento e sua manifestação na idade adulta. **Rev. Psicopedagogia**. 2016; 33(100):50-9. Disponível em: <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/17/caracteristicas-da-dislexia-de-desenvolvimento-e-sua-manifestacao-na-idade-adulta> - Acesso em 18 de maio de 2021.
- MOREIRA; E. D. S. **Coleção monografia neuroanatômicas morfo-funcionais: telencéfalo II: córtex cerebral**. Volta Redonda - RJ: Editora FOA, 2017. Disponível em: <http://editora.unifoa.edu.br/index.php/colecao-monografias-neuroanatomicas-morfo-funcionais> - Acesso em 21 de maio de 2021.
- MOUSINHO, R.; ALVES, L. M.; CAPELLINI, S. A. **Dislexia: novos temas, novas perspectivas**. v.3. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.
- MÜLLER, R. A; COSTA, S. D. **A dislexia e suas consequências na vida de um aluno: um relato de experiência**. FUCAMP. Campinas, 2017. Disponível: <http://repositorio.fucamp.com.br/jspui/handle/FUCAMP/238> - Acesso em: 14 de junho de 2021.
- PEDROSO, J. S.; SILVA, K. S.; SANTOS, L. P. **Pesquisa descritiva e pesquisa prescritiva**. JICEX, v. 9, n. 9, 2017.
- PEREIRA; S. Copyright © 2018 **Instituto de Apoio ao Desenvolvimento (ITAD)**. Disponível em: <http://www.itad.pt/problemas-escolares/dislexia/> - Acesso em: 21 de maio de 2021.
- PEREIRA, J. A. M. **O ensino da arte na construção do conhecimento do aluno dislético**. 2017.
- PINEAU, G. **Produire sa vie: Produire sa vie autoformation et autobiographie**. Paris: Edilig. Montréal: St Martin. 1983.
- RODRIGUES, E. S. G. Intervenções com uso de tecnologias no ensino superior para estudantes disléxicos. **Humanidades & Inovação**, v. 5, n. 9, p. 81-90, 2018. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/824> - Acesso em: 18 de maio de 2021.
- RODRIGUES, S. D.; CIASCA, S. M. Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. **Rev. Psicopedagogia**, Campinas- SP, v. 33, ed. 100, p. 86-97, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v33n100/10.pdf>. - Acesso em: 14 maio 2021.
- SANTAROSA, L. M. C; CONFORTO, D; BASSO, L. O. Eduquito: ferramentas de autoria e de colaboração acessíveis na perspectiva da web 2.0. **Revista Brasileira de Educação Especial** [online], v. 18, n. 3, p.

- 449-468, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/xdPkVYBSSrP5qDGhZhKg45w/?lang=pt> - Acesso em: 21 de maio de 2021.
- SANTOS, E. P.; GUBERT, A.; PEREIRA, C. F. Formação de professores a distância (EAD) e o transtorno específico da aprendizagem com prejuízo na leitura, a dislexia. **Rev. EaD & Tecnologias Digitais na Educação**. Dourados, v. 8, n. 10, p. 5-18, dez. 2020. ISSN 2318-4051. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/ead/article/view/12783> - Acesso em: 21 abr. 2021.
- SIGNOR, R. **Dislexia: uma análise histórica e social**. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* [online]. 2015, v. 15, n. 4, p. 971-999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-639820158213> Acesso em: 17 jun. 2021.
- SILVA, C. da.; CAPELLINI, S. A. Eficácia de um programa de intervenção fonológica em escolares de risco para a dislexia. **Rev. CEFAC**, São Paulo , v. 17, n. 6, p. 1827-1837, Nov-Dez, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/gLrYPXJctjYv7TvcqswtzVn/?format=pdf&lang=pt> - Acesso em: 20 abril de 2021.
- SOARES, M. C. **Proposta de protocolo de avaliação neuropsicológica em escolares encaminhados com queixas cognitivas e comportamentais com prejuízos na aprendizagem**. In: Anais do 6 Congresso Internacional de Dislexia e 9 Encontro Multidisciplinar dos Transtornos de Aprendizagem e Atenção. 2018.
- SOARES, P. H. A; SOARES, C. S. A. Os desafios do discente disléxico no contexto do ensino superior. **Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem-Estar**; UFAM, ano 2, v. 2, ed. 2, p. 138-152; 2018.
- TABORDA, R. B. S; SILVA F. J. A.; **DISLEXIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL**. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, [S. l.], v. 7, n. 4, p. 455-464, 2021. Disponível em: <https://www.periodicorease.pro.br/rease/article/view/979> - Acesso em: 19 maio. 2021.
- XENÍCILA, A. M. A psicopedagogia e o fracasso escolar. **Rev. ABRAPA**. 1. ed. 2019. Disponível em: https://www.abrapabr.org.br/revistas/revista_abrapa_e1.pdf - Acesso: 16 de junho de 2021.